



O absurdo que espelha a realidade

De volta ao Rio, “O Homem Decomposto”, de Matéi Visniec, questiona a incomunicabilidade humana em tempos de isolamento

Numa época em que o mundo parece cada vez mais fragmentado, em que as pessoas se trançam em bolhas invisíveis de segurança e desconfiança, reestreiou no Rio a montagem de “O Homem Decomposto”, do franco-romeno Matéi Visniec, uma dramaturgia que desafia convenções do teatro tradicional.

Escrita em 1993, quando a Romênia ainda respirava os últimos suspiros da ditadura de Nicolae Ceausescu, a peça não é uma crítica datada de um regime específico. Sua força está na capacidade de se apresentar crível no tempo presente. “Matéi Visniec é um dos dramaturgos mais importantes da atualidade. ‘O Homem Decomposto’ é um de seus textos mais importantes, não só por conta de sua estrutura criativa como também por sua atualidade surpreendente, falando de coisas que abalam a vida do ser humano nos dias de hoje, embora tenha sido escrita há mais de 30 anos”, destaca

“Matéi Visniec é um dos dramaturgos mais importantes da atualidade. ‘O Homem Decomposto’ é um de seus textos mais importantes, não só por conta de sua estrutura criativa como também por sua atualidade surpreendente” **ARY COSLOV**

Ary Coslov, que assina a direção do espetáculo.

A peça se estrutura como uma sucessão vertiginosa de histórias curtas, cada uma apresentando personagens que não conseguem se comunicar e criam sistemas cada vez mais absurdos para se protegerem uns dos outros. Não há uma narrativa linear, mas sim flashes de uma sociedade distópica onde o humor e o grotesco convivem com momentos de poesia genuína.

Em uma cena, cidadãos se isolam dentro de círculos invisíveis para garantir sua tranquilidade. Em outra, a cidade sofre uma invasão de borboletas carnívoras. Há ainda

uma empresa que oferece serviços de lavagem cerebral para libertar as pessoas de seus sofrimentos, e um senhor que passeia pelas ruas com um animal de estimação que se alimenta de pessoas — detalhe que não causa estranhamento algum, apenas cócegas na vítima sendo devorada.

Nascido na Romênia em 1956, Visniec não tardaria a descobrir a literatura como um espaço de liberdade que a realidade política de seu país não oferecia. Inspirado por mestres como Franz Kafka, Fiodr Dostoiévski, Albert Camus, Samuel Beckett e Eugene Ionesco, o dramaturgo absorveu a tradição

do teatro do absurdo e do grotesco, transformando-os em ferramentas para questionar sistemas opressores. Após se tornar autor proibido em seu país natal, escolheu o exílio em 1987, partindo para a França, onde obteve o estatuto de refugiado político e a nacionalidade francesa.

Desde então, Visniec consolidou-se como um dos nomes mais importantes da cena teatral europeia. Suas cerca de 40 peças foram representadas em mais de trinta países, incluindo Brasil, Estados Unidos, Japão e Turquia. Suas obras estão publicadas por editoras de prestígio como Actes Sud-Papiers e Lansman, e sua atividade literária foi laureada com prêmios significativos, como o Prêmio Europeu da Sociedade de Autores e Compositores Dramáticos de França e o Prêmio Jean Monnet das literaturas europeias.

O que torna “O Homem Decomposto” particularmente relevante para o momento atual é sua abordagem da incomunicabilidade e do isolamento como fenômenos sociais estruturais. A peça não aponta culpados específicos — não há vilões claramente identificáveis. Em vez disso, Visniec sugere que as forças opressoras são difusas, invisíveis, impossíveis de localizar com precisão — uma indefinição perturbadora que reflete um mundo onde

Sob a direção de Ary Coslov, Dani Barros, Guida Vianna, Júnior Vieira, Marcelo Aquino e Mario Borges compõem o elenco de ‘O Homem Decomposto’

as pessoas frequentemente não conseguem discernir de onde vêm as pressões que as sufocam.

Mesmo em plena distopia, porém, a poesia não abandona a obra. Em momentos pontuais, os personagens conseguem se conectar com a natureza, refletir sobre o divino e sua existência, falar do amor. Tudo ao mesmo tempo. Esses instantes de graça funcionam como respiros em meio ao caos, sugerindo que a humanidade não está completamente perdida e que a transcendência reside mesmo nas circunstâncias mais adversas.

No elenco, Dani Barros, Guida Vianna, Júnior Vieira, Marcelo Aquino e Mario Borges. E o premiado diretor celebra a oportunidade de encenar essa obra. “Dirigir essa peça, com um elenco de primeira linha, me deixa muito feliz e faz com que eu me sinta um privilegiado, por poder dirigi-la nesse momento tão especial da história da humanidade”, declara.

A estrutura fragmentada de “O Homem Decomposto” desafia o espectador a encontrar conexões entre as histórias aparentemente desconexas, a identificar padrões de comportamento que se repetem em diferentes contextos. Com duração de 75 minutos, a peça mantém um ritmo vertiginoso que não permite distrações.

Visniec, em suas reflexões sobre seu próprio trabalho, reafirma sua crença na resistência cultural. “Continuo a acreditar na resistência cultural e na capacidade que a literatura tem de demolir totalitarismos e ideologias tóxicas, bem como as novas formas de lavagem cerebral criadas pela sociedade de consumo e pela indústria de entretenimento.”

SERVIÇO

O HOMEM DECOMPOSTO

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo)

Até 29/4, às terças e quartas (20h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)